

Peter Gasper



Iluminador das obras de Oscar Niemeyer prefere ser chamado de “o cara da luz”

Entrevista concedida a Erlei Gobi

Como você começou a trabalhar com iluminação?

Eu era cenógrafo. Percebi cedo que a grafia da cena ou cenografia estava intimamente relacionada à luz, daí fui estudar “luz” em Berlim, em 1974, num centro de treinamento chamado Sender Freies Berlin, que forma profissionais em diversas áreas ligadas à arte, como TV, cinema e teatro. No meu entender, eu continuo cenógrafo, apenas troquei de ferramenta.

Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?

Teatro é um excelente início, porque luz é emoção, e você só aprende isso no teatro. É nele que se aprende a usar a luz, a manipular a iluminação; o resto é só pegar um livro e estudar. Cálculo é coisa de luminotécnica; luz é emoção. Agora, se você quiser fazer a iluminação de um estádio de futebol, daí precisa de um computador pra fazer cálculos.

O que você acha do atual mercado de iluminação no Brasil?

Está ótimo. É muito promissor. Aconselho todo mundo a entrar: quanto mais gente, melhor! Os profissionais brasileiros são ótimos, muito criativos e com qualidade – estão bem na frente dos outros. O que nos falta é dinheiro.

Cerca de quantos trabalhos você já fez em sua carreira? Quais são os seus preferidos?

Eu trabalho desde 1961 com no mínimo dez projetos por mês; já são quase seis mil trabalhos. É muita coisa! Já fiz peças de teatro; novelas da Globo, Excelsior, Tupi, Bandeirantes e SBT; filmes comerciais; shows como Rock in Rio, Elba Ramalho, Simone, Gal Costa, Caetano

Veloso, Milton Nascimento e Queen; projetos para shoppings, restaurantes, residências, praças, praias, ruas, clubes e carnaval. Quanto aos preferidos, escolho aqueles que nunca fiz, apesar da hidrelétrica de Itaipu, no Paraná, ter me marcado.

Você é sócio-fundador da Asbai. Atualmente, como é a sua participação junto à entidade? Acha que ela vem cumprindo aquilo que vocês fundadores imaginaram quando a criaram?

Eu ganhei uma placa deles, semana passada. Você não viu?! [risos]. Por atuar no Rio de Janeiro, minha participação é reduzida. Hoje, eu só pago as mensalidades, porque São Paulo é muito longe. A Asbai é uma associação de arquitetos, só eu não sou...[risos]. Ela demora a tomar algumas atitudes, pois não é um sindicato. Uma coisa é um sindicato, outra é uma associação. Mas, no geral, está indo bem.

Ter nascido e passado parte de sua vida na Alemanha, de alguma forma, interferiu no seu lado profissional?

Claro. Com este nome eu cobro um pouco mais! Não é muito, só uns trocados. [brinca]. Apesar disso, eu nunca digo que não sou brasileiro, porque parece que estou me exibindo. E outra: esta terra é ótima – nada melhor que isto aqui! Da Alemanha, herdei a preocupação permanente com a ética: é a regra número um na minha vida.

Você realiza trabalhos de iluminação tanto na área arquitetônica quanto na de espetáculos. Quais os pontos de convergência entre estas duas frentes?

A arquitetura está cada vez mais se inspirando no show business. Essa coisa de trocar de cor gratuitamente é um exemplo. Isso vem do teatro, da turma do rock. O Rock In Rio, por exemplo, troca de cor 3.400 vezes por segundo! Está virando moda ser lighting design, que nada mais é que um projetista de iluminação. Sabe por que inventaram o termo lighting design? Para ganhar mais! [sorri]. Dizer que é projetista de iluminação... Hummm... Parece um electricista que deu certo. [brinca]. Eu não sou nada disso, sou apenas o cara da luz. Tem o cara do som, o cara do cenário, só o maquiador que não é o cara da “cara” [brinca].

Qual a importância do Oscar Niemeyer para sua carreira?

Minha amizade com o Oscar Niemeyer facilitou minha expansão na iluminação arquitetural – me deu outro status, né! Eu dei milhões de conferências só por isso [risos]. Meu primeiro trabalho com ele foi no sambódromo. Eu era funcionário da Globo e fui escalado para ir ao escritório dele, junto com o cara do som e um diretor. ◀